

A ironia como um elemento subversivo à ordem e ao poder

Elda Firmo Braga (UFRJ/ CEJK)

“A ironia é um modo de discurso que tem ‘peso’, no sentido de ser assimétrica, desequilibrada em favor do silencioso e do não dito” (HUTCHEON, 2000).

“A ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infundável de interpretações subversivas” (MUECKE, 1995).

A literatura latino-americana, como outras linguagens artísticas, quando opta por retratar as minorias sociais, expressa em grande medida os conflitos e contradições existentes na América Latina. É dentro desse panorama que está inserido o conjunto de obras do jornalista e escritor peruano Manuel Scorza, como o ciclo narrativo constituído por cinco romances: *Redoble por Rancas* (editado em 1970), *Historia de Garabombo, el Invisible* (em 1972), *El jinete insomne* (em 1977), *Cantar de Agapito Robles* (também em 1977) e *La tumba del relámpago* (em 1979), intitulados de “Pentalogía”, “Ciclo Balada” ou “Guerra Silenciosa”, os quais rompem o silêncio ao levantar e propagar questões vinculadas ao “problema do índio” (MARIÁTEGUI, 2004), a luta dos povos indígenas pela recuperação da terra e pelo combate à exclusão social.

Embora compostas nos anos 70 do século passado, essas narrativas retratam as batalhas ocorridas em décadas anteriores, entre 1950 e 1962, protagonizadas pelos índios dos Andes peruanos na luta pelo direito à terra, bem como denunciam a repressão e massacres sofridos pelos indígenas nos combates que enfrentaram por conta da causa que abraçaram.

Dentre os cinco romances pertencentes ao referido ciclo narrativo, neste momento, privilegiaremos o primeiro, já que *Redoble por Rancas* apresenta vínculo

com os outros quatro livros editados posteriormente no que diz respeito à temática comum, a luta dos índios pela terra, e aos personagens que aparecem na narrativa inaugural e ganham maior destaque nas obras seguintes.

Nossa proposta de trabalho é refletir sobre o papel exercido pela ironia, uma “estratégia discursiva” (HUTCHEON, 2000), a qual, nessa da narrativa, atua como um elemento que promove a subversão à ordem estabelecida, bem como, um instrumento de crítica social e de denúncia das injustiças cometidas contra os camponeses indígenas dos Andes peruanos. Para tanto, recorreremos a algumas considerações sobre a ironia.

O uso da ironia como um recurso é muito antigo, o seu início aponta para a era socrática. Na Grécia Clássica, já existia a conotação da ironia como um elemento que pode subverter a realidade, pois Sócrates utilizava referido recurso para criticar os sofistas, ele dizia uma coisa que significava outra; assim, falava o contrário do que pensava.

Desde aquela época, até hoje, foram produzidos diversos estudos teóricos da ironia, sob múltiplas perspectivas e diferentes abordagens teóricas, como: a retórica, a estilística, a filosófica, a sociológica, a psicológica, a psicanálise, a lingüística.

Por outra parte, desde a Antigüidade, até a época atual, o conceito de ironia sofreu variadas transformações, principalmente, no período romântico. A ironia romântica é caracterizada por Beth Brait como uma “consciência do poder de agir. [...] postura reflexiva e produtiva” (BRAIT, 1996, p. 29). Segundo ainda Brait, a ironia romântica apresenta aspectos importantes que servem de influência na conformação da arte moderna. Dentre as peculiaridades apontadas pela autora destacamos: “a importância da ironia romântica em seu trabalho de abolir a coerência, abalar as regras da lógica, contestar o domínio do racional” (BRAIT, 1996, p. 33).

A ironia é um recurso detentor de uma ampla liberdade subjetiva, pois, quando se manifesta, é necessário o uso de diversos procedimentos intelectuais para compreendê-la, já que está fundamentada entre o dito e o não-dito, o declarado e o não-declarado. Dessa maneira, devido às diversas possibilidades de interpretação concentrada em si, a ironia é um elemento que produz um tom de relatividade, a começar pela ação de relativizar o significado literal da mensagem pronunciada.

Embora a ironia seja um recurso utilizado nos mais diferentes tipos de linguagens, na comunicação oral, na auditiva, na linguagem não verbal, como a visual, o nosso enfoque aqui é o discurso literário irônico.

O romance *Redoble por Rancas* narra duas histórias que tratam de injustiça promovida por representantes de instituições de poder. Aparentemente, as duas partes do livro não apresentam muitas conexões, já que os personagens são diferentes em cada uma delas; no entanto, em uma leitura mais minuciosa, percebemos vários elementos comuns e relações entre ambas: o referente, camponeses indígenas; o espaço geográfico, as Cordilheiras de Pasco, nos Andes peruanos; a temática, a questão agrária configurada na árdua luta pelo acesso à terra e contra os abusos cometidos pelos opressores; a humilhação que os indígenas sofrem, a maioria trabalha em fazendas e alguns poucos possuem um pedaço de terra onde plantam e criam alguns animais, porém não são livres, pois estão submetidos a um regime que beira a servidão, conforme palavras dos próprios personagens do livro: “— No se pueden tolerar tantos abusos [...] mentira decimos que somos libres. Somos esclavos” (SCORZA, 2005, p. 191); os desmandos da justiça e de outras autoridades; a relação assimétrica de forças e o confronto entre os detentores de poder e os camponeses indígenas; o uso da estratégia da ironia na narrativa.

Na primeira parte da narrativa, os camponeses são vítimas de uma companhia mineradora estrangeira, enquanto que, na segunda, de um Juiz.

Uma história narra a agressão cometida contra os índios pela companhia estadunidense “Cerro de Pasco Corporation” com a cumplicidade e conivência das autoridades peruanas.

A Companhia mineradora, que opera na região serrana, após a escassez de minério, resolve investir em outro ramo, na pecuária, principalmente na criação de ovelhas nobres. Para tanto, apropria-se das terras dos “comuneros” e constrói uma cerca que possui centenas de quilômetros de extensão. Essa cerca tem uma dimensão tão grande que passa a possuir características de uma personagem, pois ganha vida no momento em que “engole” povoados inteiros, animais e pessoas. Ela provoca a fome e a sede nos homens e nos animais, proporcionando-lhes, desse modo, uma morte lenta ou então promovendo uma matança generalizada contra os camponeses que ousavam permanecer em suas propriedades e lutar pela preservação de seu pedaço de terra, de seu lar.

O principal personagem de resistência aqui é Fortunato, um homem idoso, mas valente, que luta bravamente, de forma solitária, contra os métodos repressivos utilizados pela Companhia. Ele é caracterizado também como um homem teimoso: “Había una vez un viejo terco como una mula. [...] No quería comprender que la ‘Cerro de Pasco Corporation’ jugaba con un capital de quinientos millones de dólares. Él poseía una treintena de ovejas una cólera y dos puños” (SCORZA, 2005, p. 135). O fragmento anterior dá dimensão da luta desigual entre um indígena e uma companhia, que, além de detentora do poder econômico, possuía força, pois podia contratar os melhores capatazes para zelar pelo seu patrimônio e defender seus interesses.

Uma das estratégias utilizadas pelo autor, em sua “Pentalogía”, para dar voz e visibilidade aos índios dos Altiplanos peruanos foi o emprego da ironia. Na primeira, a cerca da “Cerro de Pasco Corporation” cresce todos os dias, devorando ferozmente as terras das comunidades indígenas e impedindo que eles exerçam seu direito de ir e vir, já que bloqueia os caminhos — todas as entradas e saídas: “Nueve

cerros, cincuenta pastizados, cinco lagunas, catorce puquios, once cuevas, [...] cinco pueblos, cinco camposantos, engulló el cerco en quince días” (SCORZA, 2005, p. 75).

O desespero entre os camponeses aumenta na proporção que a cerca se estende. Tal tensão também é representada no romance pela personificação e também gradação na forma de narrar os fatos relacionados à privação de liberdade provocada por essa cerca, como nos exemplos a seguir:

La carretera a Cerro de Pasco era un collar de cien kilómetros de ovejas moribundas. Rebaños famélicos rascaban las últimas matas en las estrecheces que, a cada lado de la carretera, toleraba la imperiosidad del cerco. Este pasto duró dos semanas. La tercera el ganado empezó a morir. La cuarta semana fallecieron ciento ochenta ovejas; la quinta trescientos veinte; la sexta, tres mil (SCORZA, 2005, p. 90).

Septiembre encontró más de treinta mil ovejas muertas. Ensordecidas por el estruendo de su desgracia, los pueblos sólo sabían llorar. Sentados en el mar de lana de sus ovejas moribundas, sollozaban, inmóviles, con los ojos fijos en la carretera (SCORZA, 2005, p. 110).

— *¡Han cercado Rancas! ¡Han cercado Villa de Pasco! ¡Han cercado Yanacancha! ¡Han cercado Yarusyacán! ¡Encerrarán el cielo y la tierra! ¡No habrá agua para beber ni cielo para mirar!* (SCORZA, 2005, p. 140).

El cerco siguió avanzando. Tras engullir cuarenta y dos cerros, ochenta lomas, nueve lagunas y diecinueve cursos de agua, el cerco del este reptó al encuentro del cerco del oeste. La pampa no era infinita, el cerco, sí (SCORZA, 2005, p. 169).

“La Cerro” clausuraba el único paso libre. Las tres cuartas partes del ganado habían muerto. La Pampa era un osario colosal (SCORZA, 2005, p. 203).

O recurso da ironia está presente ainda em muitos questionamentos feitos pelo narrador ou por alguns personagens, como o seguinte que ironiza os nomes progressistas de ruas: “La Prefectura de Cerro de Pasco se levanta en una esquina. Por la derecha limita con el jirón Libertad. (En ninguna ciudad del Perú faltan calles denominadas ‘Libertad’, ‘Unión’, ‘Justicia’, ‘Progreso”)” (SCORZA, 2005, p. 142). Essas palavras perderam o seu sentido original, pois a liberdade é privilegio de poucos, somente para a elite; como também não se pode falar em união quando uma grande parcela da população é excluída socialmente; enquanto que a justiça e o progresso somente servem para beneficiar uma pequena parcela do povo peruano.

Os indígenas não podem contar com um espaço de reivindicação. Quando tentam uma audiência com as autoridades não conseguem, pois “El prefecto no estaba. Las autoridades no están jamás. Hace siglos que en Perú no está nadie” (SCORZA, 2005, p. 141). O fragmento anterior apresenta uma severa crítica à omissão das autoridades peruanas no que diz respeito aos direitos indígenas. Nunca estão disponíveis para tomar conhecimento das causas e necessidades do povo. E, nas poucas vezes que são encontradas, fingem desconhecer os problemas existentes ou se fazem de cegas. “Nunca se supo por qué una epidemia azotó Cerro de Pasco. Un desconocido virus infectó los ojos de los habitantes. [...] un novedoso daltonismo les escamoteaba algunos objetos. [...] Cerro de Pasco carece de oftalmólogo” (SCORZA, 2005, p. 178-179). “El Prefecto Figuerola, el Juez Parrales, el Comandante Canchucaya, el Agente Fiscal Moreyra y los mismos Jefes de Puestos de la Guardia Civil dejaron de mirar ciertas cosas” (SCORZA, 2005, p. 179).

No final dessa história, a ironia se intensifica; é o momento precedente ao massacre, o qual vitima os indígenas que optaram pela resistência e por isso não abandonam suas casas. Como poderemos conferir no seguinte fragmento: “Bolívar quería Libertad, Igualdad, Fraternidad. ¡Qué gracioso! Nos dieron Infantería, Caballería, Artillería” (SCORZA, 2005, p. 226). E no questionamento a seguir: “¡Cómo van a matarnos! ¡El uniforme es para defender a los peruanos, no para atacarlos!” (SCORZA, 2005, p. 226). Tanto em um exemplo quanto em outro, há inversão de valores; no primeiro aparece o lema da Revolução Francesa adotado por Bolívar na sua luta pela independência e integração da América Latina, que é substituído pelas forças bélicas de repressão, com destaque para as expressões com letras maiúsculas que denotam de um lado liberdade; de outro representa coação por meio da violência, configurando-se um paralelismo entre um ideal progressista e um pensamento retrógrado, que na verdade se contrapõem, compondo uma grande contradição. Da

mesma forma, acontece no segundo fragmento, onde se questiona o papel das forças armadas, elas servem para proteger o povo ou para massacrá-lo?

A outra história retrata o confronto entre o Juiz Montenegro e Héctor Chacón, antagonista e herói respectivamente.

O primeiro representa uma metonímia de diversas autoridades, pois tem mais poder do que qualquer outra pessoa existente na província onde reside. Ele consegue manipular tanto os jogos e quanto as pessoas, está acima de tudo e de todos: “Hace veinte años que, valido de su poder, ese juez pisa a todos los humanos. El que lo desafía, entra en la cárcel. Dos cárceles tiene: una en su hacienda y otra en la provincia” (SCORZA, 2005, p. 191).

O Magistrado é apresentado, ainda, na narrativa, como um “hombre imperioso” (SCORZA, 2005, p. 73), uma “autoridad superior” (SCORZA, 2005, p. 127), o “Primer Vecino” (SCORZA, 2005, p. 219). As características e personalidade que compõem o doutor Montenegro são exemplos de manifestações irônicas presentes na narrativa, uma vez que um juiz deve ter como princípio promover a justiça, porém há um deslocamento de seu papel, pois ele atua de forma totalmente injusta no decorrer do romance. O Magistrado é “un juez que no se aplaca con palabras ni oraciones. Es más poderoso que Dios” (SCORZA, 2005, p. 24).

Já Hector Chacón, desde a sua infância, convive com a tirania do Juiz. Aos nove anos ele presenciou seu pai sendo humilhado pelo doutor Montenegro e depois seguiu testemunhando muitas atrocidades cometidas pelo Magistrado contra sua família, amigos e companheiros. Dessa maneira, Chacón cresceu com um forte desejo de reagir ao opressor, configurado em uma intensa sede de vingança ou justiça (alguns personagens do romance dizem que ele quer se vingar, mas ele garante que deseja somente fazer justiça).

O embate entre os dois, como ocorreu também entre Fortunato e a “Cerro de Pasco Corporation”, lembra uma guerra de forças comparável a uma passagem

bíblica na qual narra a confrontação entre Davi, um menino, diante do gigante Golias, sendo que na Bíblia o mais fraco tem êxito, diferentemente do que ocorre com relação a Héctor frente ao Juiz, pois na realidade andina, a batalha dos indígenas é invencível por conta da correlação de forças existentes ali, a maioria da população *versus* uma minoria poderosa. Em um contexto como esse, que se reproduz em muitas regiões latino-americanas, para que um lado vença não conta a quantidade de pessoas, mas sim a força e o poder que um grupo detém.

Desse modo, as duas partes do romance terminam com um massacre dos camponeses que ousam contrariar os interesses dos poderosos, como ocorre também em todas as demais narrativas do ciclo scorziano. Contudo, os indígenas não desistem da luta, eles não perdem a esperança; ainda que tenham de morrer tentando, como o fazem durante séculos, desde a chegada dos conquistadores espanhóis à América até hoje, pois são conscientes de que “La tierra [...] pertenece a todos” (SCORZA, 2005, p. 109); os índios somente descansarão no momento em que conseguirem alcançar o seu maior objetivo: livrarem-se da tirania secular e, ao mesmo tempo, reconquistar suas terras, que são sua maior riqueza e fonte de vida.

Assim, a ironia se torna um instrumento importante na denúncia das atrocidades que acontecem nos Andes Centrais peruanos, espaço narrativo das duas histórias do romance. Atua também como um elemento subversivo às manifestações de ordem e poder. Em uma história, toma forma na maneira em que é retratada a intervenção estrangeira, representada pela “Cerro de Pasco Corporation”, com o aval do governo peruano, em terras indígenas. Em outra, conforma-se na crítica sobre o deslocamento do desempenho de um Juiz, figura que deveria ser um símbolo de ética e integridade, entretanto, ele é um verdadeiro promotor de injustiça.

Referências

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Organização de Mario J. Valdés. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de ironia — constantemente referido a Sócrates*. 2. ed. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa Omega, 2004.

MUECKE, D. C. *Ironia e irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Coleção Debates).

SCORZA, Manuel. *Redoble por Rancas*. 2. ed. México: Siglo XXI, 2005.